
BAIRROS SÃO JORGE E LARANJEIRAS: A PERIFERIA QUE MAIS CRESCE EM UBERLÂNDIA - MG

Ákila de Oliveira Arantes
Graduanda do Dep. de Geografia - UFU

Roberta Repezza
Graduanda do Dep. de Geografia - UFU

Beatriz Ribeiro Soares
Profa. Dra. do Dep. de Geografia - UFU

RESUMO: *O presente trabalho tem por objetivo conhecer a dinâmica estrutural do processo de expansão periférica em Uberlândia - MG e, especificamente, da região Sudeste da cidade, na qual localizam-se os bairros São Jorge (autoconstrução) e Laranjeiras (conjuntos habitacionais).*

Palavras Chaves: periferia, autoconstrução, conjuntos habitacionais.

INTRODUÇÃO

A cidade capitalista é marcada pela segregação sócio/espacial, materializada a partir da ação dos mais variados agentes modeladores, que criam e recriam o espaço urbano, segundo sua ordem e interesse.

Nesse contexto, está inserida a periferia, região urbana que segundo FERRARA (1993), caracteriza-se pela homogeneidade da pobreza, demonstrando a realidade das cidades brasileiras como um todo.

Uberlândia não foge à regra estabelecida pela ordem capitalista, uma vez que, em seu processo de ocupação e reprodução, a cidade, influenciada por uma elite conservadora, pelo Poder Público local e pela especulação imobiliária, estruturou uma configuração urbana desigual e contraditória, na qual as periferias expressam uma realidade precária, com carências de infra-estrutura, equipamentos e serviços públicos.

Assim, tornou-se importante conhecer a dinâmica de estruturação do processo de expansão periférica em Uberlândia, particularmente, da região sudeste, onde estão localizados os bairros São Jorge e Laranjeiras. Segundo o Plano Diretor (1991), essa representa área de expansão periférica, destinada a atender a população de baixa renda.

Para tornar possível a compreensão do processo de expansão periférica em Uberlândia e, em especial, da região sudeste, a pesquisa, ainda em fase de elaboração, apoia-se numa ampla revisão bibliográfica sobre a temática, num levantamento de dados secundários junto aos órgãos públicos e privados, em trabalhos de campo, produção de material icnográfico/fotográfico e entrevista orientada, junto aos moradores.

Nesse sentido, busca-se caracterizar a periferia uberlandense e perceber as condições precárias de habitabilidade presentes nestes espaços.

A EXPANSÃO PERIFÉRICA EM UBERLÂNDIA

A existência de periferias, ou seja, bairros ocupados, primordialmente, por populações de baixa renda, carentes de infraestrutura, situados às margens da cidade, não é um fenômeno recente em Uberlândia. Em suma, pode-se dizer que este processo existe desde o período em que a cidade ainda se constituía num pequeno arraial.

Desde 1883, com a expansão do sítio urbano, foi criado o bairro Patrimônio da Abadia, que abrigou os trabalhadores de baixa renda, especialmente os negros que, após a abolição da escravatura "*construíram ranchos e casebres e, passaram a trabalhar nas chácaras ou fazendas próximas como assalariados, ou plantando lavouras de subsistência*". (SOARES, 1988: 25).

No início do século XX, além das charqueadas, que constituíam o ramo industrial que mais se destacava na cidade, são instaladas outras indústrias de implementos agrícolas, além da fábrica de tecidos Cia. Industrial do Triângulo Mineiro. Como consequência verificou-se um aumento de população e de moradias, o que provocou alterações na forma e no conteúdo da cidade.

O processo de ocupação dos subúrbios acompanhou, principalmente, a localização das indústrias e da estação ferroviária, que aglomeravam população nas suas proximidades, dando origem à Vila Operária, que em 1925, ainda não contava com qualquer infra-estrutura.

Também, nessa época, novos bairros vão sendo formados, através da incorporação das chácaras, localizadas nos limites da zona rural, ao espaço urbano: Vila Martins, Vila Osvaldo, entre outras.

A partir da década de 30, um novo agente passa a intervir no processo de expansão urbana de Uberlândia: a empresa imobiliária. Com a atuação das incorporadoras imobiliárias, há um aumento considerável do perímetro urbano, ocorrendo a criação de diversos bairros, geralmente em áreas distantes do centro, desprovidos de infra-estrutura básica, equipamentos e serviços públicos, prejudicando sobremaneira, a vida da população de baixa renda que ocupava esses espaços.

A partir da análise da TABELA 1, pode-se perceber que entre os anos 1938/54, a intensidade do processo especulativo em Uberlândia é bastante significativa, uma

TABELA 1- Uberlândia: lotes existentes e ocupados - 1938/1958*

ANOS	POPULAÇÃO URBANA	LOTES EXISTENTES	TAXA DE OCUPAÇÃO
1936	19.152	5.000	0,957
1937	19.633	5.000	0,982
1938	20.114	7.100	0,708
1939	20.596	7.100	0,725
1940	21.077	7.100	0,742
1943	25.694	7.100	0,905
1944	27.233	7.998	0,851
1945	28.772	12.193	0,589
1946	30.311	13.443	0,564
1947	31.850	13.590	0,586
1951	40.000	13.590	0,736
1952	43.500	14.167	0,768
1953	47.042	23.626	0,498
1954	50.567	26.075	0,485
1956	57.617	27.857	0,517
1958	64.667	28.271	0,571

FONTE: SOARES, 1995

(*) Os anos que não aparecem são aqueles em que os números de lotes não se alteraram.

vez que a oferta de terrenos era muito superior à necessidade da época. Esse fato pode ser exemplificado pelos dados: nos anos de 1937 e 1938, enquanto a população aumentou menos de 3%, o crescimento da oferta de lotes quase 50% (SOARES, 1995).

Assim, têm-se um excessivo número de lotes vagos espalhados pela cidade que, além de deteriorar a qualidade de vida dos moradores, devido às grandes distâncias a serem percorridas e à carência de infraestrutura, também dificulta e onera a administração pública.

A partir de 1940, o espaço urbano de Uberlândia sofre grandes alterações, impulsionadas pela conjugação de diversos fatores, tais como a intensificação do desenvolvimento industrial e do capitalismo no campo, a diversificação do comércio e dos serviços e a ampliação da malha rodoviária. Isso levou a uma substancial alteração na dinâmica demográfica da cidade, sendo verificados índices elevadíssimos de crescimento populacional, conforme pode ser evidenciado na TABELA 2.

TABELA 2 - Uberlândia: população urbana e rural de - 1940/1991

ANO	URBANA	RURAL	TOTAL	% URBANA	% RURAL
1940	22.143	20.036	42.179	52,5	47,5
1950	35.799	19.185	54.984	65,1	34,9
1960	71.717	16.565	88.282	81,2	18,8
1970	111.466	13.420	124.886	89,4	10,6
1980	231.598	9.363	240.961	96,1	3,4
1991	352.711	14.000	366.711	96,2	3,8

FONTE: SOARES, 1995

Esse incremento populacional fez com que a cidade se expandisse por todos os lados, ocorrendo, dessa forma, a ocupação das periferias, como também a intervenção direta do Estado na produção de moradias populares, através da Fundação Casa Popular e do Banco Nacional de Habitação - BNH. Contudo, esses planos nacionais não solucionaram o déficit habitacional em Uberlândia, visto que tais políticas previam uma renda mínima para obtenção do financiamento, o que excluía parte da população, que em função de seus baixos salários não enquadravam-se nos requisitos dos financiadores.

A partir dos anos 70, intensificam-se os fluxos migratórios para Uberlândia, em função das transformações ocorridas tanto a nível nacional, modernização do campo e intensificação da industrialização, como também a nível local, com a dinamização

econômica da cidade. Diante disso, observou-se um crescimento dos loteamentos periféricos e também dos conjuntos habitacionais, das moradias por autoconstrução e das favelas.

Os conjuntos habitacionais têm grande importância na construção e expansão do espaço urbano de Uberlândia, uma vez que, até 1993, haviam sido construídas 27.797 moradias populares, conforme nos mostra a TABELA 3.

TABELA 3- Uberlândia: evolução dos conjuntos habitacionais em unidades por sistema/plano

SISTEMA/PLANO	UNIDADES CONSTRUÍDAS			
	Até 1982	1983/84	1989/92	1993
CEF/CICAP	-	-	60	-
CEF/PAIH	-	-	10.038	1.425
CEF/PLE	-	108	730	-
CEF/PLEMP	-	710	52	-
CEP/PROHAP	-	-	850	-
PROMORAR	9.950	798	-	-
REC. MUNICIPAIS*	-	1.770	1.000	-
FUND. CASA POPULAR	130	-	-	-
INST. PREVIDÊNCIA	90	-	-	-
TOTAL	10.070	3.572	12.730	1.425

FONTE: SOARES, 1995

(*) Em regime de mutirão

A população excluída desses programas habitacionais, para resolver o seu problema de moradia, passa a residir nas periferias, sobretudo, através da autoconstrução e da ocupação de espaços vazios, constituindo as favelas.

Nos últimos 20 anos, o processo de autoconstrução tornou-se uma prática comum, principalmente, nos bairros implantados para populações de baixa renda, tais como: Aclimação, Maravilha, Canaã, Tocantins, Esperança Minas Brasil, D. Almir, Seringueiras, São Jorge, entre outros, que na sua maioria, contam com vários problemas em relação à existência de infra-estrutura e equipamentos urbanos.

Além dos moradores conviverem com todas as necessidades decorrentes da falta de equipamentos e serviços públicos, nesses bairros, freqüentemente, as casas encontram-se semi-acabadas, com problemas de ventilação, iluminação, tamanho dos cômodos, congestionamento habitacional, que tornam precárias as condições de habitabilidade nessas moradias.

Quanto às favelas, estas já fazem parte do espaço urbano de Uberlândia desde os anos 40. No entanto, o problema agravou-se, a partir da década de 70. Segundo os dados da Prefeitura Municipal de Uberlândia (1996), existem na atualidade, aproximadamente 386 famílias em núcleos de ocupação ilegal, situados nas periferias, às margens de córregos, estradas de rodagem e ferrovia.

Enfim, as periferias da cidade, de um modo geral, abrigam a população de baixa renda, que enfrentam problemas relacionados à questão de moradia, como também convivem com várias outras dificuldades, resultantes de sua situação de pobreza.

BAIRROS SÃO JORGE E LARANJEIRAS: UM ESTUDO DE CASO DA PERIFERIA UBERLANDENSE

Em Uberlândia, como foi verificado, existem vários problemas comuns às demais cidades brasileiras, tais como a expulsão da população de baixa renda para as periferias, o aumento da pobreza e a forte especulação imobiliária.

A região sudeste da cidade de Uberlândia, onde estão localizados os bairros São Jorge e Laranjeiras é o espaço que melhor caracteriza a expansão da periferia, pois é constituída por bairros distantes da área central, ocupados por uma população de baixa renda, bem como

carentes de infra-estrutura, equipamentos e serviços públicos básicos. Tais bairros começaram a ser estruturados a partir de 1988, sendo que as moradias foram financiadas pela Caixa Econômica Federal e os lotes urbanizados pelo Fundo Municipal de Habitação, conforme TABELA 4.

TABELA 4 - Setor Sudeste: número de moradias e lotes urbanizados - 1995

BAIRROS	UNIDADES	
	MORADIAS	LOTES URBANIZADOS
São Jorge I	-	1.350
São Jorge II	108	-
São Jorge III	265	-
São Jorge IV	456	-
Viviane	154	-
Seringueira e Regina	450	-
São Gabriel	975	-
Aurora	1.500	-
Laranjeiras	426	-
Paineiras	403	-
TOTAL	5.067	1.350

FONTE: BDI, 1995.

Até 1995, conforme mostra a FIGURA 1, a região era dividida em pequenos bairros, o que facilitava a aprovação dos loteamentos. A partir desse período, a Prefeitura Municipal, promoveu uma reorganização do espaço urbano de Uberlândia, agrupando e redefinindo os bairros. Assim, a região sudeste encontra-se, nos dias atuais, dividida em dois grandes bairros: São Jorge e Laranjeiras, que juntos abrigam, aproximadamente, 30.000 habitantes (FIGURA 2).

Esses bairros são extensamente horizontalizados, distantes da área central, com a presença de casas sempre em obras, processo de autoconstrução, presentes nos lotes urbanizados (FIGURA 3) e pelos conjuntos habitacionais com moradias tipo

embrião, semi-acabadas e de tamanho reduzido - 23m² e 29m² (FIGURA 4).

Contudo, considerando que a produção espacial é realizada cotidianamente e aparece como forma de ocupação de um determinado lugar, num dado momento histórico, nesses bairros, em função do movimento cotidiano de seus moradores, ocorre um acelerado crescimento da prestação de serviços, tais como: núcleo comercial secundário, áreas de lazer, escolas, creches, postos de saúde, entre outros.

Todavia, é importante ressaltar que o espaço não se reproduz sem conflitos e contradições, sendo que essas são manifestadas na vida cotidiana, ou seja, nas

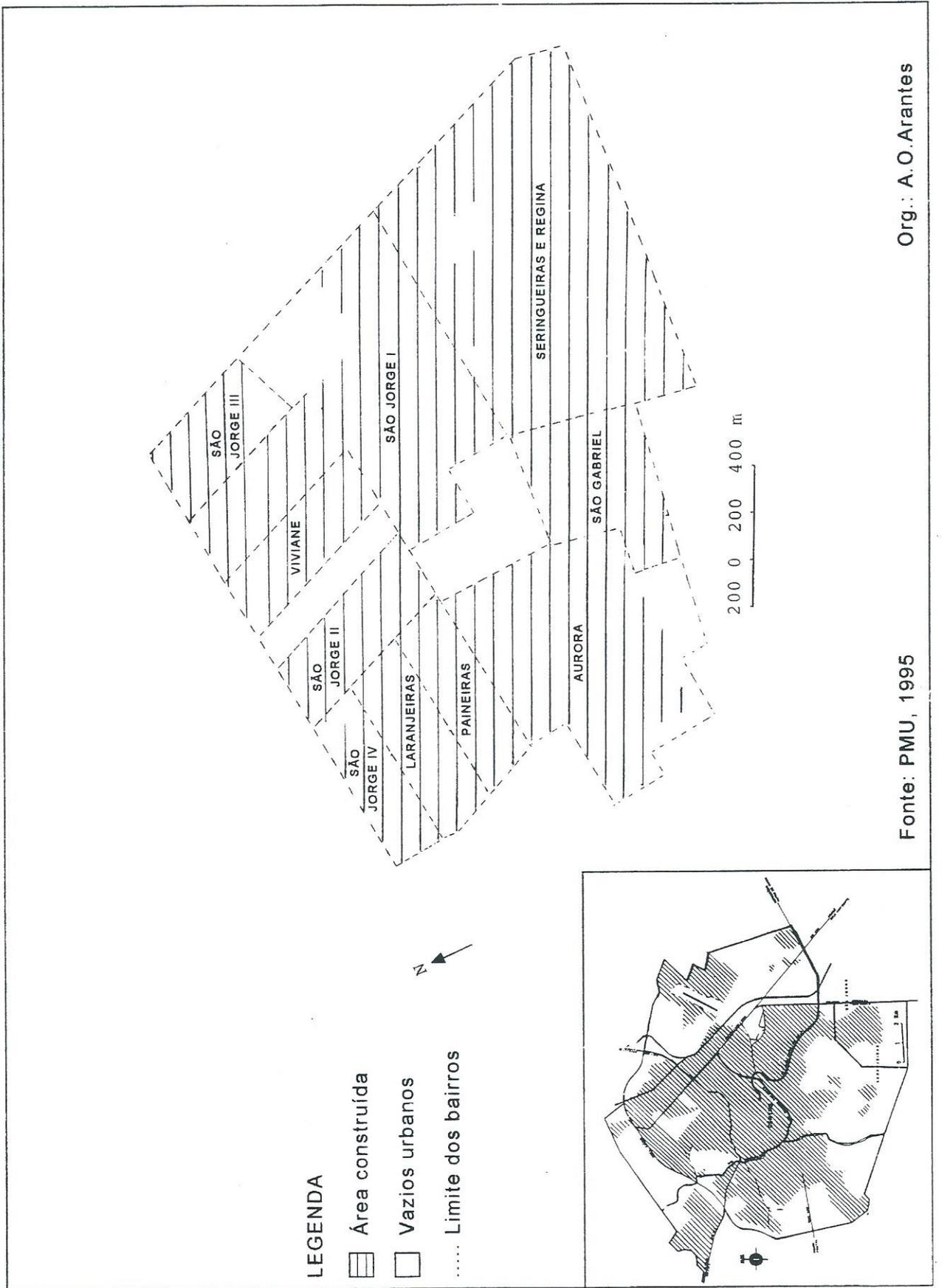


FIGURA 1 - Uberlândia: configuração dos atuais Bairros São Jorge e Laranjeiras até 1995

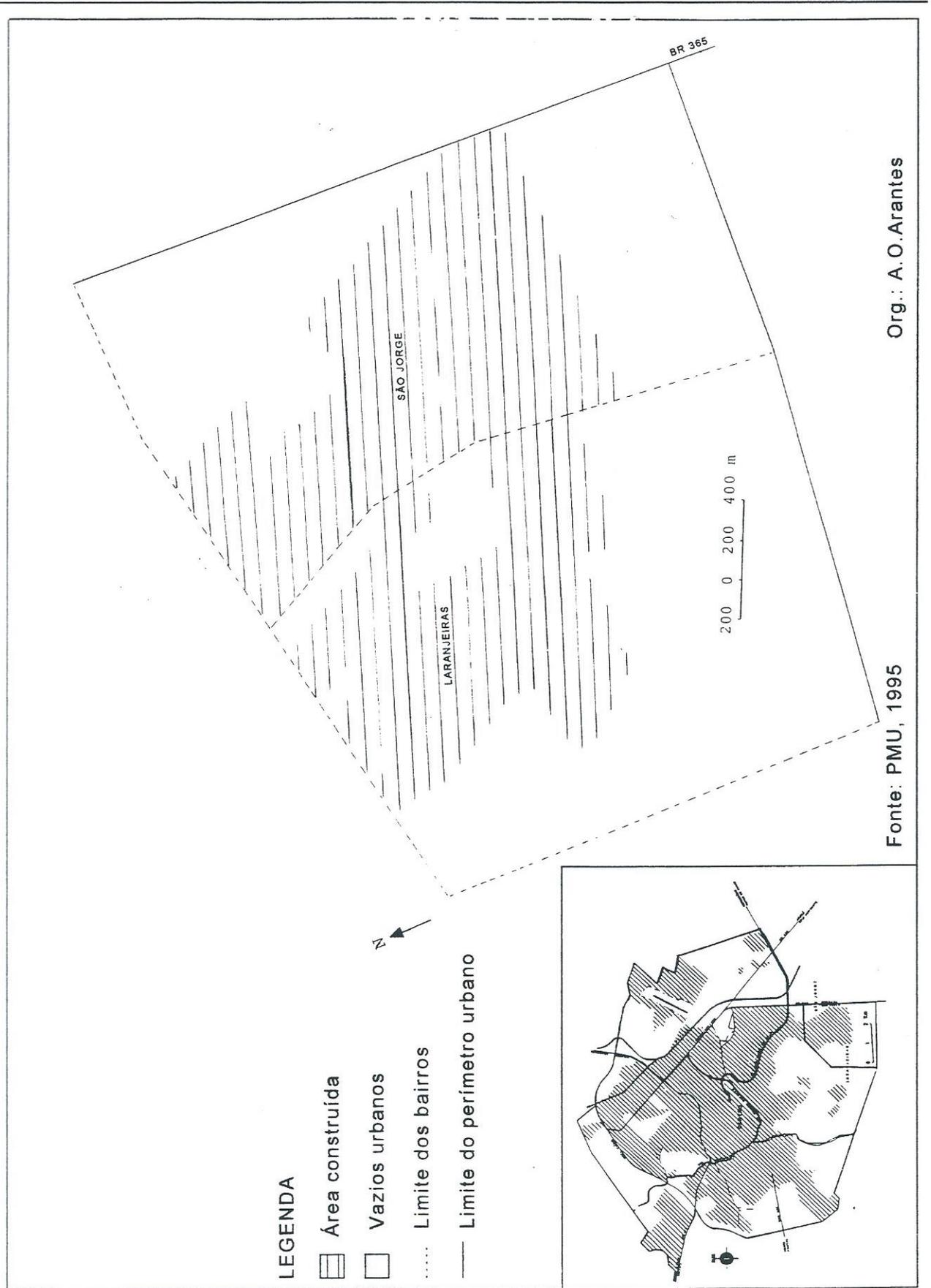


FIGURA 2 - Uberlândia: configuração atual dos Bairros São Jorge e Laranjeiras - 1997

diferentes formas de morar, de acesso à infra-estrutura e serviços coletivos, nos diferentes tempos de locomoção, etc..

Portanto, percebe-se que a estruturação dessas áreas periféricas ocorre em espaços distantes dos centros, acarretando um longo deslocamento da

população e onerando os custos de implantação de infra-estrutura básica que, na maioria das vezes, são insuficientes. Geralmente, essas áreas são intermediadas por *vazios urbanos* que atendem aos interesses da especulação imobiliária. Por outro lado, as moradias são pequenas e mal-acabadas e a população tem que conviver



FIGURA 3 - Uberlândia: Bairro São Jorge, 1997 Foto das autoras

com os distúrbios resultantes do mal planejamento (ruas estreitas e descontínuas, ausência de sinalização, fraca iluminação, falta de arborização e praças públicas, etc..). Enfim, essa realidade caracteriza, de maneira geral, precárias condições de habitabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rápido e constante crescimento que caracteriza as cidades é de maneira geral incontestável, e representa um dos aspectos que melhor exemplifica a complexidade que

envolve o processo de acumulação e reprodução do capital.

A segregação espacial urbana, determinada por tal processo, torna-se evidenciada também, em função do surgimento e crescimento de grande número de bairros localizados distantes da área central, contando com sérios problemas de infra-estrutura e destinados à ocupação de famílias de baixa renda.

Esses bairros constituem a periferia urbana das cidades capitalistas,

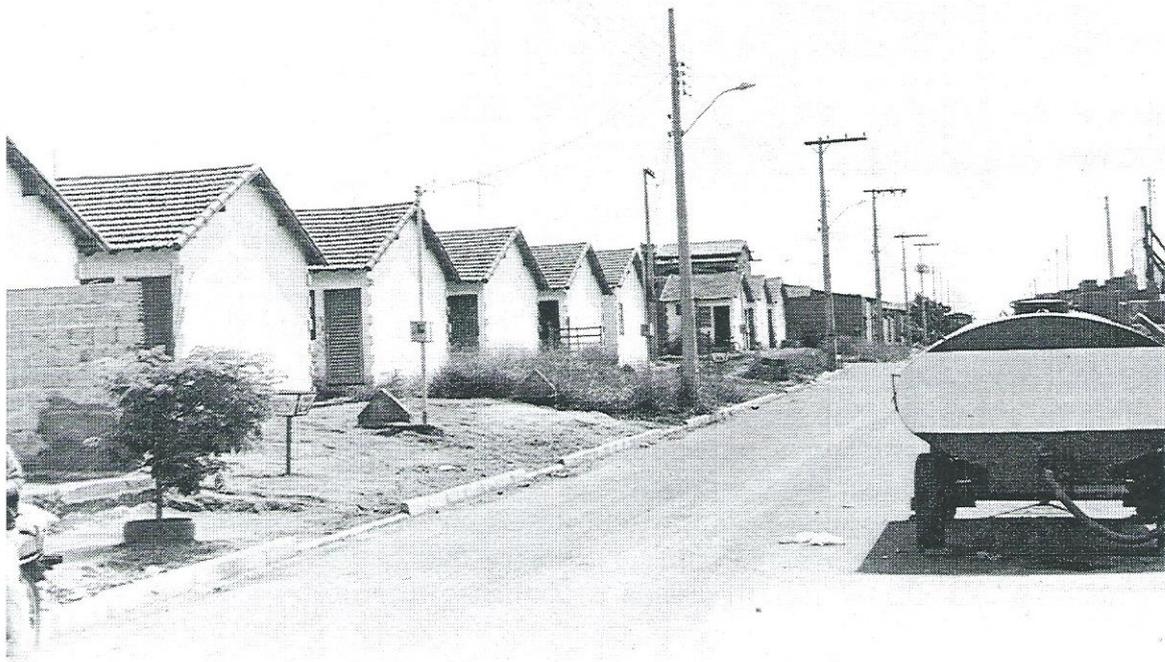


FIGURA 4 - Uberlândia: Bairro Laranjeira, 1997. Foto das autoras

particularmente são ocupados por conjuntos habitacionais e por um constante e diário movimento de autoconstrução. Além de representar para os trabalhadores, a possibilidade de adquirir sua habitação e, por fim, uma vida mais digna.

Em Uberlândia, são inúmeros os bairros periféricos situados em regiões marginais da cidade. A região sudeste, representa a periferia uberlandense que mais cresce. Nesta destacam-se os bairros São Jorge e Laranjeiras, que são caracterizados pelo intenso crescimento horizontal, pela precariedade habitacional e de serviços urbanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDUKI, Nabil e ROLNIK, Raquel. Periferia da grande São Paulo reprodução do espaço como expediente de reprodução da força do trabalho. In: MARICATO,

Ermínia. (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial.** São Paulo: Alfa - Omega, 1979.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Olhar periférico.** São Paulo: EDUSP, 1993.

MARICATO, Ermínia. Autoconstrução, a arquitetura possível. In: MARICATO, Ermínia. (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial.** São Paulo: Alfa - Omega, 1979.

MOURA, Rosa e ULTRAMARI, Clovis. **O que é periferia urbana.** São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção primeiros passos).

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras.** 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção repensando a Geografia).

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Uberlândia “da cidade” ao “portal do cerrado” imagens e representações no Triângulo Mineiro.** São Paulo: FFLHC - USP, 1995. (Tese, Doutorado).

VALLADARES, Licia do Prado (Org.). **Repensando a habitação no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.